



Biblioteca

Educação literária

Poesia - 8º ano

Biblioteca

Educação literária

Poesia - 8o ano

Conteúdo

Sá de Miranda.....	4
Comigo me desavim,	4
O sol é grande, caem co'a calma as aves,	4
Luís Vaz de Camões	5
Trovas	5
Cantiga	6
Esparsa.....	7
Alma minha gentil, que te partiste.....	7
Amor é um fogo que arde sem se ver,	8
Aquela triste e leda madrugada,	8
Busque Amor novas artes, novo engenho,.....	9
Erros meus, má fortuna, amor ardente.....	9
O céu, a terra, o vento sossegado... ..	10
Quando de minhas mágoas a comprida.....	10
Almeida Garrett	11
As minhas asas.....	11
Seus olhos.....	12
Barca bela	12
Cantigas	13
Cantiga de Amigo.....	13
Cantiga de Amigo.....	14
Cantiga de Amigo (Pastorela)	15
Cantiga de Amor de Mestria.....	16
João Roiz de Castel Branco	17
Cantiga sua, partindo-se.....	17
Nicolau Tolentino de Almeida	18
Chaves na mão, melena desgrenhada,.....	18
De bolorentos livros rodeado.....	18
Bocage	19

Conteúdo

Sá de Miranda.....	4
Comigo me desavim,	4
O sol é grande, caem co'a calma as aves,	4
Luís Vaz de Camões	5
Trovas	5
Cantiga	6
Esparsa.....	7
Alma minha gentil, que te partiste	7
Amor é um fogo que arde sem se ver,	8
Aquela triste e leda madrugada,	8
Busque Amor novas artes, novo engenho,.....	9
Erros meus, má fortuna, amor ardente.....	9
O céu, a terra, o vento sossegado...	10
Quando de minhas mágoas a comprida	10
Almeida Garrett	11
As minhas asas.....	

11	
Seus olhos	12
.....	
Barca bela	12
.....	
Cantigas	
.....	
.. 13	
Cantiga de Amigo.....	13
Cantiga de Amigo.....	14
Cantiga de Amigo (Pastorela)	15
.....	
Cantiga de Amor de Mestria.....	16
João Roiz de Castel Branco	17
.....	
Cantiga sua, partindo-se	17
.....	
Nicolau Tolentino de Almeida	18
.....	
Chaves na mão, melena desgrenhada,.....	18
De bolorentos livros rodeado	18
.....	
Bocage	
.....	
.... 19	



Magro, de olhos azuis, carão moreno,	19
O céu, de opacas sombras abafado,	19
João de Deus	20
Boas noites	20
Antero de Quental	21
O palácio da ventura	21
Na mão de Deus	21
As fadas	22
Guerra Junqueiro	24
Lar	24
A moleirinha	25
Cesário Verde	26
De tarde	26
A débil	27
António Nobre	28
Fala ao coração	28
Menino e moço	28
Na praia lá da Boa Nova, um dia,	29
Aqui, sobre estas águas cor de azeite,	29
Petrarca	30
Soneto 132	30
William Shakespeare	31
Soneto XCVIII (De ti me separei na Primavera)	31

AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS DE CANELAS – BIBLIOTECA

Magro, de olhos azuis, carão moreno,	19
O céu, de opacas sombras abafado,.....	19
João de Deus.....	20
Boas noites	20
Antero de Quental	21
O palácio da ventura.....	21
Na mão de Deus	21
As fadas.....	22
Guerra Junqueiro	24
Lar	24
A moleirinha	25
Cesário Verde	26
De tarde 26	
A débil 27	
António Nobre	28
Fala ao coração	28

Menino e
moço.....
28

Na praia lá da Boa Nova, um dia,
..... 29

Aqui, sobre estas águas cor de azeite,
..... 29

Petrarca
.....
.. 30

Soneto
132.....
30

William Shakespeare
..... 31

Soneto XCVIII (De ti me separei na Primavera)
..... 31

3 Educação Literária – 8o ano - Poesia

Sá de Miranda

Comigo me desavim,

Comigo me desavim,
sou posto em todo perigo;
não posso viver comigo
nem posso fugir de mim.

Com dor, da gente fugia,
antes que esta assi crescesse;
agora já fugiria
de mim, se de mim pudesse.
Que meo espero ou que fim
do vão trabalho que sigo,
pois que trago a mim comigo,
tamanho imigo de mim?

O sol é grande, caem co'a calma as aves,

O sol é grande, caem co'a calma as aves,
do tempo em tal sazão, que sói ser fria;
esta água que d'alto cai acordar-m'ia
do sono não, mas de cuidados graves.

Ó cousas, todas vãs, todas mudaves,
qual é tal coração qu'em vós confia?
Passam os tempos vai dia trás dia,
incertos muito mais que ao vento as naves.

Eu vira já aqui sombras, vira flores,
vi tantas águas, vi tanta verdura,
as aves todas cantavam d'amores.

Tudo é seco e mudo; e, de mestura,
também mudando-m'eu fiz doutras cores:
e tudo o mais renova, isto é sem cura!

In Obras completas

Sá de Miranda

Comigo me desavim,

Comigo me desavim, sou posto em todo perigo; não posso viver comigo nem posso fugir de mim.

Com dor, da gente fugia, antes que esta assi crescesse; agora já fugiria de mim, se de mim pudesse. Que meo espero ou que fim do vão trabalho que sigo, pois que trago a mim comigo, tamanho imigo de mim?

O sol é grande, caem co'a calma as aves,

O sol é grande, caem co'a calma as aves, do tempo em tal sazão, que sói ser fria; esta água que d'alto cai acordar-m'ia do sono não, mas de cuidados graves.

Ó cousas, todas vãs, todas mudaves, qual é tal coração qu'em vós confia? Passam os tempos vai dia trás dia, incertos muito mais que ao vento as naves.

Eu vira já aqui sombras, vira flores, vi tantas águas, vi tanta verdura, as aves todas cantavam d'amores.

Tudo é seco e mudo; e, de mestura, também mudando-m'eu fiz doutras cores: e tudo o mais renova, isto é sem cura!

In Obras completas

4 Educação Literária – 8o ano - Poesia

Luís Vaz de Camões

Trovas

*a ùa cativa com quem andava d'amores
na Índia, chamada Bárbara*

Aquela cativa,
que me tem cativo,
porque nela vivo
já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
em suaves molhos,
que para meus olhos
fosse mais fermosa.

Nem no campo flores,
nem no céu estrelas,
me parecem belas
como os meus amores.
Rosto singular,
olhos sossegados,
pretos e cansados,
mas não de matar.

Ùa graça viva,
que neles lhe mora,
para ser senhora
de quem é cativa.
Pretos os cabelos,
onde o povo vão
perde opinião
que os louros são belos.

Pretidão de Amor,
tão doce a figura,
que a neve lhe jura
que trocara a cor.
Leda mansidão
que o siso acompanha;
bem parece estranha,
mas bárbara não.

Presença serena
que a tormenta amansa;
nela enfim descansa

toda a minha pena.
Esta é a cativa
que me tem cativo,
e, pois nela vivo,
é força que viva.

In Lírica

Luís Vaz de Camões

Trovas

a ãa cativa com quem andava d'amores

na Índia, chamada Bárbara

Aquela cativa, que me tem cativo, porque nela vivo já não quer que viva. Eu nunca vi rosa em suaves molhos, que para meus olhos fosse mais fermosa.

Nem no campo flores, nem no céu estrelas,

Pretidão de Amor, me parecem belas
tão doce a figura, como os meus amores.
que a neve lhe jura Rosto singular,
que trocara a cor. olhos sossegados,
Leda mansidão pretos e cansados,
que o siso acompanha; mas não de matar.

bem parece estranha, mas bárbara não. ãa graça viva, que neles lhe mora,

Presença serena para ser senhora
que a tormenta amansa; de quem é cativa.
nela enfim descansa Pretos os cabelos, onde o

povo vão

toda a minha pena. perde opinião

Esta é a cativa que os louros são belos.

que me tem cativo, e, pois nela vivo, é força que viva.

In Lírica

5 Educação Literária – 8o ano - Poesia

Luís Vaz de Camões

Cantiga

a este moto:

Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura;
vai fermosa e não segura.

Voltas

Leva na cabeça o pote,
o testo nas mãos de prata,
cinta de fina escarlata,
sainho de chamalote;
traz a vasquinha de cote,
mais branca que a neve pura;
vai fermosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta,
cabelos d'ouro o trançado,
fita de cor d'encarnado,
tão linda que o mundo espanta;
chove nela graça tanta
que dá graça à fermosura;
vai fermosa, e não segura.

In Lírica

Luís Vaz de Camões

Cantiga

a este moto:

Descalça vai para a fonte

Leonor pela verdura; vai fermosa e não segura.

Voltas

Leva na cabeça o pote, o testo nas mãos de prata, cinta de fina escarlata, sainho de chamalote; traz a vasquinha de cote, mais branca que a neve pura; vai fermosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta, cabelos d'ouro o trançado, fita de cor d'encarnado, tão linda que o mundo espanta; chove nela graça tanta que dá graça à fermosura; vai fermosa, e não segura.

In Lírica

6 Educação Literária – 8o ano - Poesia

Luís Vaz de Camões

Esparsa

sua ao desconcerto do mundo

Os bons vi sempre passar
no mundo graves tormentos;
e, para mais m'espantar,
os maus vi sempre nadar
em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
fui mau, mas fui castigado:
Assi que, só para mim
anda o mundo concertado.

In Lírica

Alma minha gentil, que te partiste

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
algũa cousa a dor que me ficou
da mágoa, sem remédio, de perder-te,

roga a Deus, que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te,
quão cedo de meus olhos te levou.

In Lírica

Luís Vaz de Camões

Esparsa

sua ao desconcerto do mundo

Os bons vi sempre passar no mundo graves tormentos; e, para mais m'espantar, os maus vi sempre nadar em mar de contentamentos. Cuidando alcançar assim O bem tão mal ordenado, fui mau, mas fui castigado: Assi que, só para mim

Alma minha gentil, que te
partiste anda o mundo concertado.

In Lírica

Alma minha gentil, que te partiste tão cedo desta vida descontente, repousa lá no Céu eternamente, e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste, memória desta vida se consente, não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te alguma cousa a dor que me ficou da mágoa, sem remédio, de perder-te,

roga a Deus, que teus anos encurtou, que tão cedo de cá me leve a ver-te, quão cedo de meus olhos te levou.

In Lírica

7 Educação Literária – 8o ano - Poesia

Luís Vaz de Camões

Amor é um fogo que arde sem se ver,

Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Aquela triste e leda madrugada,

Aquela triste e leda madrugada,
cheia toda de mágoa e de piedade,
enquanto houver no mundo saúde
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
saía, dando ao mundo claridade,
viu apartar-se d'ũa outra vontade,
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio,
que d'uns e d'outros olhos derivadas
s'acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas
que puderam tornar o fogo frio,
e dar descanso às almas condenadas.

In Lírica

In Lírica

Luís Vaz de Camões

Amor é um fogo que arde sem se ver,

Amor é um fogo que arde sem se ver, é ferida que dói, e não se sente; é um
contentamento descontente, é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer; é um andar solitário entre a gente; é nunca
contentar-se de contente; é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade; é servir a quem vence, o vencedor; é ter com quem
nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor nos corações humanos amizade, se tão contrário a si
é o mesmo Amor? Aquela triste e leda madrugada,

Aquela triste e leda madrugada, cheia toda de mágoa e de piedade, enquanto houver
no mundo saúde quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada saía, dando ao mundo claridade, viu apartar-se
d'ũa outra vontade, que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio, que d'uns e d'outros olhos derivadas s'acrescentaram em
grande e largo rio.

In Lírica

Ela viu as palavras magoadas que puderam tornar o fogo frio, e dar descanso às almas
condenadas.

In Lírica

Luís Vaz de Camões

Busque Amor novas artes, novo engenho,

Busque Amor novas artes, novo engenho,
para matar-me, e novas esquivanças;
que não pode tirar-me as esperanças,
que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,
andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê.

Que dias há que n'alma me tem posto
um não sei quê, que nasce não sei onde,
vem não sei como, e dói não sei porquê.

In Lírica

Erros meus, má fortuna, amor ardente

Erros meus, má fortuna, amor ardente
em minha perdição se conjuraram;
os erros e a fortuna sobejaram,
que para mim bastava o amor somente.

Tudo passei; mas tenho tão presente
a grande dor das cousas que passaram,
que as magoadas iras me ensinaram
a não querer já nunca ser contente.

Errei todo o discurso de meus anos;
dei causa [a] que a Fortuna castigasse
as minhas mal fundadas esperanças.

De amor não vi senão breves enganos.
Oh! quem tanto pudesse que fartasse
este meu duro génio de vinganças!

In Lírica

Luís Vaz de Camões

Busque Amor novas artes, novo engenho,

Busque Amor novas artes, novo engenho, para matar-me, e novas esquivanças; que não pode tirar-me as esperanças, que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho! Vede que perigosas seguranças! Que não temo contrastes nem mudanças, andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto onde esperança falta, lá me esconde Amor um mal, que mata e não se vê.

Erros meus, má fortuna, amor
ardente Que dias há que n'alma me tem posto um não sei quê, que nasce não sei
onde,

Erros meus, má fortuna, amor
ardente vem não sei como, e dói não sei porquê.

em minha perdição se conjuraram; os erros e a fortuna sobejaram, In Lírica
que para mim bastava o amor somente.

Tudo passei; mas tenho tão presente a grande dor das cousas que passaram, que as
magoadas iras me ensinaram a não querer já nunca ser contente.

Errei todo o discurso de meus anos; dei causa [a] que a Fortuna castigasse as minhas
mal fundadas esperanças.

De amor não vi senão breves enganos. Oh! quem tanto pudesse que fartasse este meu
duro génio de vinganças!

In Lírica

9 Educação Literária – 8o ano - Poesia

Luís Vaz de Camões

Quando de minhas mágoas a comprida

Quando de minhas mágoas a comprida
magação os olhos me adormece,
em sonhos aquel'alma me aparece
que para mim foi sonho nesta vida.

Lá nua soidade, onde estendida
a vista pelo campo desfalece,
corro par'ela; e ela então parece
que mais de mim se alonga, compelida.

Brado: – Não me fujais, sombra beninal!
Ela (os olhos em mim cum brando pejo,
como quem diz que já não pode ser),
torna a fugir-me; e eu, gritando: – Dina...
antes que diga mene, acordo, e vejo
que nem um breve engano posso ter.

In *Lírica*

O céu, a terra, o vento sossegado...

O céu, a terra, o vento sossegado...
As ondas, que se estendem pela areia...
Os peixes, que no mar o sono enfreia...
O nocturno silêncio repousado...

O pescador Aónio, que, deitado
onde co vento a água se meneia,
chorando, o nome amado em vão nomeia,
que não pode ser mais que nomeado:

– Ondas (dezia), antes que Amor me mate,
torna-me a minha Ninfa, que tão cedo
me fizestes à morte estar sujeita.

Ninguém lhe fala; o mar de longe bate,
move-se brandamente o arvoredos;
leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.

In *Lírica*

Luís Vaz de Camões

Quando de minhas mágoas a comprida

Quando de minhas mágoas a comprida imaginação os olhos me adormece, em sonhos
aquele alma me aparece que para mim foi sonho nesta vida.

Lá nua soçidade, onde estendida a vista pelo campo desfalece, corro par'ela; e ela
então parece que mais de mim se alonga, compelida.

Brado: – Não me fujais, sombra benina! Ela (os olhos em mim cum brando pejo, como
quem diz que já não pode ser),

O céu, a terra, o vento sossegado...

O céu, a terra, o vento sossegado... As ondas, que se estendem pela areia... Os
peixes, que no mar o sono enfreia... O nocturno silêncio repousado...

O pescador Aónio, que, deitado onde co vento a água se meneia, chorando, o nome
amado em vão nomeia, que não pode ser mais que nomeado:

– Ondas (dezia), antes que Amor me mate, torna-me a minha Ninfa, que tão cedo me
fizestes à morte estar sujeita.

Ninguém lhe fala; o mar de longe bate, move-se brandamente o arvoredos; leva-lhe o
vento a voz, que ao vento deita.

In Lírica

torna a fugir-me; e eu, gritando: – Dina... antes que diga mene, acordo, e vejo que nem
um breve engano posso ter.

In Lírica